

# Exportadores querem BC mais atuante em crédito

Itamar Miranda/AE - 19/05/1993

*Segundo a Associação de Comércio Exterior, os produtores precisam de ajuda 'urgentemente'*

PATRÍCIA CAMPOS MELLO

**E**conomistas e empresários de comércio exterior acreditam que o Banco Central (BC) deveria ter uma ação mais enérgica para ajudar a normalizar as linhas de crédito para exportadores e importadores. A euforia da quarta-feira, dia em que o pacote do FMI foi anunciado, deu lugar a uma visão mais pé no chão. "Pode demorar um pouco mais para que as linhas sejam restabelecidas, e muitos exportadores estão precisando de crédito urgentemente", diz José Augusto de Castro, diretor da Associação de Comércio Exterior do Brasil (AEB).

Para o economista Emilio Garofalo, ex-diretor do Banco Central, o BC deveria adotar medidas emergenciais, usando parte dos recursos do FMI para oferecer linhas de crédito específicas para exportadores. "O BC podia irrigar o mercado com essas linhas, mas fiscalizar para ter certeza de que o crédito efetivamente está chegando até o exportador, e não sendo desviado."

Ontem, o ministro do Desenvolvimento, Sérgio Amaral, divulgou uma nota onde classificou de "atitudes isoladas e eventuais" as ações de algumas instituições financeiras que estavam desviando recursos destinados a exportadores. Segundo reportagem publicada na quinta-feira no *Estado*, alguns bancos estão desviando os recursos de financiamento às exportações para aplicações no câmbio. O ministro disse que o acordo com o FMI deve restabele-



*Soja: exportadores precisam de linhas de crédito urgentemente*

cer a confiança no País e, dessa maneira, "o problema (dos desvios) já foi superado".

Mas o setor exportador ainda não sentiu a volta das linhas externas. Segundo Garofalo, antes de voltar a conceder crédito, os bancos internacionais estão avaliando as boas notícias, entre elas o pacote do FMI, mas também as más, como o Banco Morgan Stanley Dean Witter rebaixando sua perspectiva para o real e críticas de presidencialistas ao acordo com o Fundo. "O problema é que o importador precisa pagar os insumos hoje, e o exportador necessita do crédito já."

**Garantias** – Para Castro, da AEB, os recursos liberados por meio do BNDES não são ideais para situações que exigem soluções rápidas. "O recurso do BNDES não serve para substituir Adiantamento de

Contrato de Câmbio (ACC)", diz Castro. Segundo ele, o banco não tem agilidade para liberar recursos – precisa de 30 dias para avaliação – e o risco fica com os bancos que são

agentes do BNDES. "Esses agentes só vão dar o financiamento para quem tiver garantias muito boas." Castro acredita que uma ação do BC seria muito oportuna. "É difícil pre-

cisar, mas calculamos que cerca de US\$ 3 bilhões atenderiam às necessidades."

Para Werner Sönksen, diretor de Comércio e Serviços de Risco do Deutsche Bank, a situação ainda não mudou. "Acho que a liberação do crédito ainda vai demorar um pouco, os credores externos estão procurando mais garantias." Para ele, existe a possibilidade de só voltar ao normal após as eleições.

Já Ângelo Vasconcelos, diretor de câmbio do Unibanco, está bem mais otimista. "Nós conseguimos operar bons volumes de financiamento hoje", diz. "Não tenho a menor dúvida de que as linhas voltarão ao normal – assim que os banqueiros internacionais perceberem um risco menor no País e a menor volatilidade do câmbio."

**M**EDIDAS DE  
EMERGÊNCIA  
SÃO  
SUGERIDAS